

João Cordeiro Presidente da Associação Nacional das Farmácias

“Trabalhamos com margens negativas”

Os sucessivos cortes nos preços dos medicamentos retiraram milhões de euros às farmácias. João Cordeiro diz que se foi longe demais e que a prova é o facto de as farmácias terem, hoje, margens comerciais negativas.

■ **Multiplica-se o número de farmácias a fechar. Qual a razão?**

Em 2011 e 2012, a redução da fatura com medicamentos será na ordem dos €730 milhões. Em termos de despesa pública a poupança é de mais de €600 milhões. Por aqui se pode ver o impacto nas farmácias. Esta poupança foi obtida com reduções administrativas de preços (por decisão do Ministério da Saúde),

sem nunca ter sido avaliado o impacto das medidas. Bastava a redução de preço para que a rentabilidade da farmácia fosse afetada e houve também a redução da margem comercial (que também é regulada).

■ **Qual é a solução que pode salvar as farmácias?**

■ É possível repor o equilíbrio sem aumentar a despesa pública. Promovendo a concorrência entre os produtos de marca e incentivando as farmácias na dispensa dos genéricos — cujo aumento de quota de mercado reflete uma atuação irracional das farmácias porque estão a dispensar medicamentos mais baratos sobre os quais recebem menos.

■ **Sugere um novo modelo de remuneração às farmácias.**

■ Sim, um sistema que remunere a dispensa de medicamentos e estimule a venda de genéricos. Em 2011, a margem comercial das farmácias foi negativa e, este ano, é claramente negativa. Necessitamos de um fee (remuneração fixa) por medicamento

de €4,42 euros para um resultado económico nulo.

■ **Caso isso não se concretize?**

■ Há farmácias que não sei como ainda não fecharam as portas. O que vai acontecer cada vez mais é a diminuição de stocks o que obriga os utentes a deixarem as receitas e irem no dia seguinte levantar os medicamentos. Alguns doentes até pagam em adiantado as participações. É uma situação insustentável, que não garante a acessibilidade ao medicamento.

■ **Não era estranho não ocorrerem falências neste sector? Havia excesso de proteção?**

■ Havia muita gente que era obrigada a vender a farmácia. Nunca havia falências porque existia uma grande apetência pela compra deste negócio. Mesmo os que faziam disparates vendiam as farmácias por valores significativos.

■ **Houve excesso de otimismo em relação ao potencial do negócio da farmácia?**



“

Foi esta situação de crise que me fez ficar mais um mandato. Não me vou recandidatar

■ **Seguramente. Nos últimos oito anos entrou muita gente nova no sector que fez a sua análise com base no histórico dos últimos 20 anos, na expectativa que essas duas décadas se iriam repetir no futuro. Somado a isto, o crédito era fácil e barato, os trespasses eram feitos a valores perfeitamente disparatados. O que aconteceu no sector das farmácias não é um caso isolado no que se refere a otimismo. Eu próprio fiz investimentos que hoje me preocupam.**

■ **É o seu mandato mais difícil?**

■ Foi esta situação de crise que me fez ficar mais um mandato. Não me vou recandidatar. Aliás, já não o tentionava fazer, mas abandonar o barco nesta altura não era fácil e podia ter outro tipo de interpretações. Garantir a manutenção de uma relação de confiança com o sector bancário talvez tenha sido a principal razão pela qual assumi estar à frente da associação por mais um mandato. A.S.S.